

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

Augusto d'Aquino

Rua dos Correios, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, S

AGENTES EM .. {
Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemakere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: —Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

— * Modelos exclusivos * —

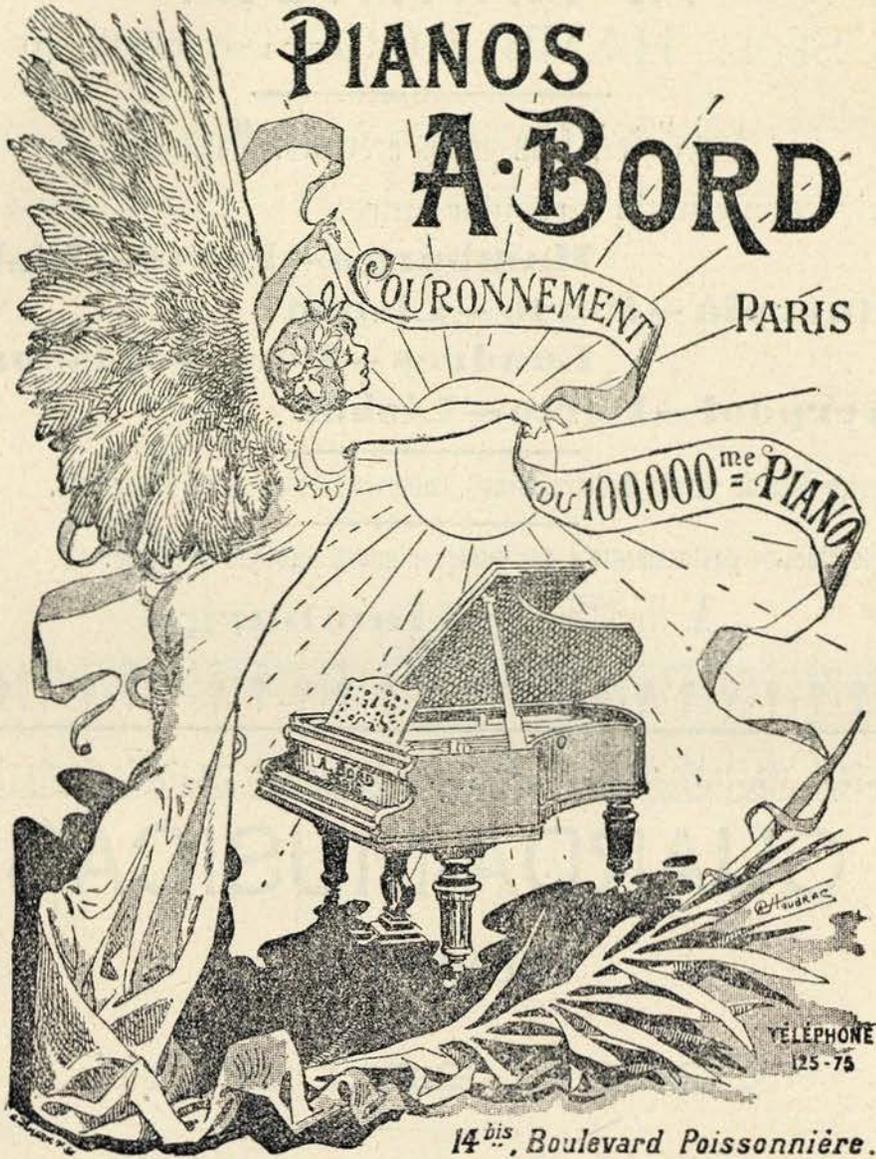
Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours



A ARTE MUSICAL
Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Proprietário e director
Michel'angelo Lambertini

LISBOA

Praça dos Restauradores
43 A 49

Composto e impresso
na Typ. do ANUARIO COMMERCIAL
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO — Estudo sobre Tristão e Isolda (*continuação*) — Joseph Joachim, (*continuação*) — No conservatório, (*continuação*) — Ophelia d'Oliveira — Notas Vagas — Concertos — Noticiario — Necrologia.

ESTUDOS

SOBRE O

Tristão e Isolda

III

Bem nos peza a impossibilidade de reproduzir o seguimento integral da carta, que apesar de longa e por vezes prolixa, merece um exame minucioso e esclarece nitidamente muitos pontos curiosos.

Depois de demonstrar a inferioridade da nação alleman, sob o ponto de vista da fórma, e de citar os dois grandes poetas allemães, Goethe e Schiller, como os primeiros que puzeram o proprio genio ao serviço d'um ideal puramente humano, conta Ricardo Wagner como viu surgir pouco a pouco no seu espirito a necessidade de uma radical transformação da obra lyrica e aponta a influencia exercida por Weber e Beethoven nos inicios da sua carreira.

Ouçamo-lo ainda: — «Definia-se cada vez mais no meu espirito o que havia a fazer, no genero da Opera; fazendo convergir para o leito do drama musical, a opima torrente da musica alleman, tal como Beethoven a havia feito, devia necessariamente tornar-se realisavel a minha ideia. Por outro lado, o meu commercio habitual com a opera propriamente dita, cada vez me choquava e desanimava mais, tão longe estava das ideias que eu tinha imaginado!»

E mais longe: — «Puz-me em busca das circumstancias que caracterisaram a dissolução da grande arte grega; esse exame reteve-me longo tempo.

Um facto singular se me impoz desde logo: foi a separação, o isolamento dos differentes ramos da arte, outr'ora reunidos no drama

completo. Successivamente associadas, chamadas a cooperar todas para o mesmo resultado, as artes tinham fornecido, pelo seu mutuo concurso, o meio de tornar intelligiveis a um povo inteiro, os fins mais elevados e os mais profundos da humanidade.

Depois desagregaram-se umas das outras e a arte, de inspiradora e directriz da vida publica, limitou-se a sêr um agradável passatempo d'amador; e enquanto a multidão corria a combates de gladiadores ou de animaes ferozes, as mais delicadas intellectualidades occupavam-se de letras e de pintura.

O que tinha uma importancia capital para mim era o convencimento de que as diversas artes, isoladas, separadas, cultivadas uma a uma, não podiam de modo algum e por muito alto que os grandes genios tivessem conseguido elevar-lhes o poder d'expressão, pretender substituir de qualquer modo essa outra arte complexa e de tão vasto alcance, que resulta precisamente da sua reunião, sem recahir na sua rudeza primitiva e corromper-se fatalmente.

Bazeando-me na auctoridade dos mais eminentes criticos e, seguindo de perto as investigações de Lessing sobre os limites da pintura e da poesia, julguei attingir um resultado solido: e é que cada arte tende a um desenvolvimento indefinido do seu poder, que esta tendencia a conduz finalmente a um limite extremo, e que não póde ultrapassar esse limite sem perder-se no incomprehensivel, no bizarro e no absurdo.

Chegando a essa conclusão pareceu-me vêr claramente que cada arte, nos limites da sua expansão, sollicita o auxilio de uma arte vizinha. Interessou-me então muito seguir essa tendencia em cada uma das artes e pareceu-me que a podia demonstrar, da maneira a mais cabal, nas relações da poesia com a musica, em presença sobretudo da importancia extraordinaria que tem revestido a musica

moderna. Buscava assim representar no meu espirito a obra d'arte que abraçasse todas as artes particulares, fazendo-as cooperar na realisação suprema dos seus intuitos e chegava d'este modo á concepção reflectida do ideal que em mim proprio se tinha formado obscuramente, como uma imagem vaga a que o artista aspirava sem lhe poder desenhar a forma.»

E mais longe, em guisa de corollario d'essa theoria: — O poeta procura, na sua linguagem substituir ao valor abstracto e convencional das palavras o seu significado sensível e original; o arranjo rythmico e o ornamento já quasi musical da rima são outros tantos meios de assegurar ao verso, á phrase, um extraordinario poder d'expressão e d'encanto. Essencial ao poeta, esta tendencia leva-o até ao limite da sua arte, limite que vae confinar immediatamente com a musica; e por conseguinte a obra mais completa do poeta devia ser a que, no seu ultimo aperfeiçoamento, constituísse uma perfeita musica.

D'ahi, vejo-me necessariamente forçado a considerar o *mytho*, como sendo a materia ideal do poeta. O *mytho* é o poema primitivo e anonymo do povo, e em todas as epochas o encontramos, constantemente remodelados pelos grandes poetas dos periodos cultos. No *mytho*, com effeito, as relações humanas despojam-se quasi por completo da sua forma convencional e apenas intelligivel para a razão abstracta; mostram-nos o que a vida tem de verdadeiramente humano, de eternamente comprehensível e isso sob uma forma concreta, d'onde a imitação é banida e que dá a todos os verdadeiros *mythos* aquella feição individual que ao primeiro golpe de vista se reconhece.»

Pelo que respeita á *forma*, á technica musical propriamente dita, estabelece Ricardo Wagner um paralelo, admiravelmente deduzido, entre o lyrismo italiano, que se contenta com a quadratura eternamente symetrica dos seus periodos melodicos e com a infantilidade do tecido harmonico, que lhe serve de base — e a poderosa polyphonia alleman, levada ao apogeu na symphonia beethoveniana, e que se ergue diante de nós como o pharol que indica á arte uma era nova; porque, «com essa symphonia, legou-se ao mundo uma obra, que não encontra em epoca alguma e em povo algum nada que se lhe approxime ou que se lhe pareça.»

E' portanto n'essa polyphonia modelar que Wagner vae assentar o seu systema, fundindo-a com a poesia e evitando assim no ouvinte toda a indecisão que a symphonia pura lhe podia suscitar. Mas, é preciso que o poeta possua o sentimento vivo das tendencias da musica e do seu inexgotavel poder d'expres-

são — é preciso que elle construa a sua obra de modo a penetrar nas malhas mais subteis do tecido musical e que a ideia, por elle expressa, se resolva exclusivamente n'este sentimento.

A unica forma poetica que aqui pode ser applicada será aquella em que o artista, em vez de limitar-se a descrever, offerece do seu objecto uma representação real e que impressione os sentidos — n'uma palavra, o *drama*.

Joseph Joachim

(Continuação)

Facil nos seria continuar acompanhando o illustre mestre anno a anno até á data da sua morte, com o registro dos seus passos, dos concertos que deu, das peças que tocou, das composições que escreveu, das festas em que brilhou, etc.

Levar-nos-hia semelhante plano muito longe e cansariamos o leitor, se leitor possuímos. . . Limitar-nos-hemos pois a registrar, fóra d'esta vida pontual do professor e do concertista, os factos principaes da existencia de Joachim.

Em 1882 foi contractado para uma serie de concertos nos Estados Unidos e esteve quasi a acceitar; o medo, um medo enorme do enjôo, obrigou-o a recusar. N'este mesmo anno se separou de sua mulher, Amelia Spielweiss; e tomou posse do logar de regente da orchestra da Sociedade Philharmonica de Berlim, então criada, partilhando-o com Franz Wülner, a quem succedeu Klindworth.

Não foi comtudo distincto n'estas funcções, porque lhe faltou a visão intellectual, digamolo assim, do conjunto das obras musicas, embora as dirigisse impeccavelmente nas suas linhas geraes.

O seu dominio espiritual na musica de conjunto era innegavelmente o quatuor, como demonstrou uma vez mais em Paris, quando alli tocou em 1866 e 67 no Chatelet, na sala Erard, em muitas reuniões particulares e especialmente em casa do seu amigo Léonard, então de 67 annos d'idade. Alem do seu quartetto, que foi sinceramente admirado pela sua extraordinaria cohesão, Joachim foi applaudido entusiasticamente nos concertos de Beethoven e Mendelssohn, nas composições de Bach, fantasia op. 101 de Schumann, Danças húngaras de Brahms e nas suas Variações para violino e orchestra.

Em 1889 os seus admiradores inglezes fizeram-lhe uma surpresa delicadissima; festejaram o 50.º anniversario do seu 1.º concerto,

o seu jubileu artistico, dando-lhe de presente, em sessão solemne na sala de St. James, um esplendido violino de Stradivarius, da melhor epocha, com o celebre verniz vermelho escuro, do preço de 1200 libras. A tampa da caixa, riquissima, d'este precioso instrumento tem uma chapa de metal com o testemunho d'admiração e de respeito dos seus amigos inglezes, datada de 15 de abril de 1889.

Este violino, que pertenceu a Viotti, está maravilhosamente conservado; esteve na collecção Labitte, em Paris, e foi-lhe entregue n'aquelle dia memoravel pelo illustre Sir Frederick Leighton, a quem Joachim agradeceu em inglez, profundamente commovido. Este instrumento que passou a ser o mais estimado e portanto o mais tocado dos tres Stradivarius, que Joachim ficou possuindo, foi dado de herança a um sobrinho seu, amator, que vive em Oxford, filho de um irmão do mestre ha muito estabelecido na Inglaterra.

Em 1890 vemol-o aqui de novo tocando em 15 de março no Palacio de Crystal de Londres o concerto de Brahms para violino e violoncello — imagine o leitor com quem? . . . — com Ernest Gillet, um distincto violoncellista, que se distinguiu como solista da Grande Opera de Paris, e que depois se tornou tão conhecido e . . . calumniado, como auctor de valsas, e da celebre *Loin du Bal*, que até o carrilhão de Mafra atira triumphantemente para o infinito!

Folgamos de registrar este concerto com Joachim como prova publica da consideração do grande mestre, que assim demonstrou reconhecer o merito do violoncellista Gillet. Quanto a este, este testemunho deveria compensal-o da injustiça que lhe fez Wasielewski não o incluindo na sua interessante, embora falha, *Historia do violoncello*.

N'este mesmo 1890 Joachim e o seu quartetto brilharam no festival a Beethoven, que se realisou em Bonn de 11 a 15 de maio. Estamo nos revendo nas lembranças d'estes 5 dias, doirando a memoria e a saudade na contemplação das duas magnificas photographias de Kock da *Beethoven-Haus*, com o trio de Reinécke-Piatti-Joachim, e o quartetto Joachim-Hausmann-Wirth De Ahna, e as respectivas assignaturas por baixo dos primeiros compassos tocados!

Pobre De Ahna! Era a ultima vez que se photographava!

Este grande artista, o unico rival positivo de Joachim — que tanto se assemelhava ao meu querido amigo e mestre Leopoldo de Carvalho, director actual do theatro do Gynasio, — adoeceu pouco depois e foi substituido no quartetto por Johann Kruse, um distincto discipulo de Joachim, concertino da orchestra Philharmonica de Berlim.

Durou esta substituição dois annos, até 1 de novembro de 1892, quando o grande artista morreu deixando o logar a Kruse, que pouco depois seguiu para Bremen como *concertmeister*, sendo substituido em 1893 pelo illustre Carl Halir, discipulo tambem de Joachim e violino do quartetto Markees-Muller-Dechert-Halir.

No regresso em 1894 de Kruse, nomeado professor da Hochschule, Halir cedeu-lhe o logar até 1898, quando Kruse foi para Londres, tendo então que se consagrar ao quartetto Joachim, abandonando definitivamente o quartetto Markees.

N'este ponto divergem as nossas informações das do nosso intelligente patricio Raul Pereira, distincto discipulo de Joachim, a quem nunca ouvimos, mas de quem lemos um artigo interessante na *Arte Musical* de 1905, pag. 173. Não tendo podido saber, nem tendo agora tempo para investigar, quaes foram os *motivos do dominio de todos*, que levaram Halir em 1897 a substituir Kruse, d'aqui pedimos ao distincto violinista, que preencha esta minha lacuna com os elementos de que dispuzer.

O quartetto Joachim ficou então constituido do modo seguinte: Joachim 1.º violino, Halir segundo, Wirth violeta e Hausmann, violoncello, continuando assim até á sua morte.

Os instrumentos em que elles tocam são todos de Stradivarius e estão avaliados em 100:000 marcos ou 22 contos e meio, no cambio ao par!

Não ha, que o saibamos, nenhum outro quartetto em taes condições.

(Continúa.)

CARLOS DE MELLO.

No Conservatorio

III

Estamos em crêr que o Conservatorio nunca foi tomado muito a serio pelos nossos governos. Não é facil saber porquê, mas não deve ser extranho a esse injusto ostracismo o facto de se tratar ali de musica, e ser a musica uma abençoada arte que teve sempre o condão de fazer sorrir os nossos governantes. Porquê, o sorriso? Não atinamos tambem, mas é fóra de duvida que o sorrisinho de mofa já é tradicional nos nossos homens da governação, sempre que alguem se lembre de lhes ir fallar em musica ou em musicos.

Se as causas do tal sorrisinho não são po-

sitivamente tangíveis, os efeitos em compensação saltam á vista. E um d'elles é a magreza esquelética da dotação conservatorial, que obriga a equiparar os vencimentos de alguns dos professores d'aquella casa, com o ordenado do mais vulgar guarda-portão. Vão-me dizer talvez que se elles lá se conservam e se fazem tantas diligencias para lá entrar, é porque realmente a remuneração lhes é tentadora. Ora ahí é que é preciso... distinguir.

Nos outros lyceus do estado o professor é remunerado com uma decente larguesa, mas a respeito de leccionação particular só lhe é permittida a que não vá prender com os exames que annualmente se fazem nos mesmos lyceus. Isto é, não podem preparar alumnos para exame, podendo sómente ensinar, cá fóra, quem se não proponha ao tal exame.

Comprehendem a moralidade do caso? O professor nunca póde ser examinadôr do proprio alumno.

No Conservatorio, com um ordenado mais que mesquinho, dá-se ao lente o pulso absolutamente livre, consentindo portanto tacitamente em todas as irregularidades que d'esse facto possam advir. Se nem todos aproveitarem, talvez, as vantagens que essa situação, de moralidade assaz dubia, lhes póde proporcionar, poucos haverá que, ao tomarem posse da sua cadeira, conquistada sabe Deus á custa de que labôres, não digam para os seus bôtes: — *O ordenado não presta, mas as licções particulares vão ser uma mina...*

Sem insistir nos inconvenientes da tal *mina*, fazemos votos para que se remunerem condignamente os professores do Conservatorio, prohibindo-lhes ao mesmo tempo toda e qualquer exploração mineira, que nada tem que vêr, na essencia, com os interesses artisticos d'aquelle estabelecimento.

A supressão do *louvôr* nas classificações dos exames tambem nos tem dado que scismar.

Perdeu se ali, ao que parece, a possibilidade de louvar seja quem fôr. Dado que o *louvôr* é em toda parte uma classificação superior á *distincção* — dado que no proprio Conservatorio se empregou aquelle superlativo durante muitos annos — e dado finalmente que a maior parte dos professores que ali leccionam fizeram cursos brilhantissimos, assignalados com um ou mais *louvôres*, chegamos á curiosa conclusão de que taes mestres nunca poderão crear discipulos... á sua imagem e semelhança.

Hão de ser todos d'aquella craveira para baixo.

Uma pequena modificação na tabella de valôres, sem mesmo lhe augmentar a numeração, seria bastante para destruir este ridiculo *nolli me tangere*.

Por exemplo, em vez do que está:

- 5 a 7 — Soffrivel ou mediocre.
- 8 e 9 — Bom.
- 10 — Optimo (distincção).

podia ser, sem perigo de maior:

- 5 e 6 — Soffrivel.
- 7 e 8 — Bom.
- 9 — Distincto.
- 10 — Optimo (louvôr).

Outra das medidas tyrannicamente restrictivas da lei, por que se rege o Conservatorio, é a que inibe todo o professor, que não tenha o curso official, de apresentar-se a concurso para o provimento de qualquer vaga.

Se n'esse acto publico se limitassem a dar a preferencia, em egualdade de circumstancias, aos professores diplomados pela casa, nada teriamos que dizer; mas fechar de todo as portas ao concorrente que não tenha sido alumno do Conservatorio parece nos bastante duro e póde dar... tolice.

Imaginemos por um momento o seguinte.

A doçura do clima, o azul do nosso decantado ceu, a brandura não menos decantada dos nossos costumes, ou qualquer outro motivo que pouco importa, levavam o Busoni a assentar arraiaes n'este cantinho occidental e, naturalmente, a pretender um logar de professor auxiliar no Conservatorio de Lisboa.

Tentavam-o de certo vantagens gradas.

Não são para desprezar-se 400 réis diarios, ainda que sujeitos a descontos de 5⁰/₀, mais 3⁰/₀, mais 2⁰/₀, mais tanto para caixa d'aposentações, sem ter direito a ser aposentado, etc., etc. No fim do anno sempre era uma continha calada de 118\$000 e pico.

O trabalho não seria talvez demasiado — leccionar uns 40 alumnos durante duas horas, tres vezes em cada semana — e no fim do anno examinar gratuitamente uma carregação de meninas de Paio Pires e terras limitrophes.

Tendo o bom tacto de nunca dar menos de 9 ou 10 valôres a todas as suas examinandas, podia estar certo de não ser invectivado nos jornaes, nem esfaqueado por algum *papá* descontente n'uma d'aquellas viellas suspeitas, que tão frequentemente teria que calcurriar; d'ahi uma completa segurança da sua pessoa, o que não é para desprezar.

Corria portanto a Portugal, naturalisava-se, estudava um bocado, por medida de bôa prudencia, e requeria para ser admittido a concurso.

Mas, ó Ceus... não tinha o curso de piano do Real Conservatorio!

Tableau!!...

Ophelia Nogueira d'Oliveira

Esta distincta violinista portuense, a qual iniciou os seus estudos no Porto com o reputado professor Carlos Dubini (ex-alumno do Prof. Sitt), e com o qual estudou por longos annos, acaba de partir para Bruxellas aonde vae concluir com o grande *Isaye* os seus importantes e serios estudos.

Ophelia d'Oliveira possui incontestavelmente um bello talento artistico, e é de esperar que elle se fructifique, attendendo ao atuado estudo e tenacidade que tem empregado desde o inicio de seus trabalhos. Já em Leipzig o Prof. Sitt lhe prophetisara um futuro brilhante, e agora eil-a a caminho de Bruxellas onde vae receber as lições do primeiro violinista do mundo, que o nosso publico tanto conhece e aprecia.

No seu repertorio que é difficillimo já Ophelia d'Oliveira contava algumas das mais transcendententes obras da litteratura do violino como: Concertos de Tschaikowsky, Bruch, Beethoven, Saint-Säens, Vieuxtemps; sonatas de Beethoven, romanzas do mesmo, e por isso é de esperar que esta viagem d'aperfeiçoamento produza resultados de alto alcance artistico.

Foi acompanhada por sua querida mãe e irmã e teve na estação de S. Bento uma despedida affectuosissima.



CARTAS A UMA SENHORA

106.^a

De Lisboa

Creio que nunca é tarde para prestar culto aos mortos, a certos mortos especialmente; e, embora aqui mesmo já fossem desfolhadas flores sobre a campa do malogrado e saudoso Alfredo Keil, eu que mais não pude fazer do que acompanhar-lhe os despojos até essa mysteriosa paragem d'onde elle nunca mais nos volta, eu quero ao menos trazer á sua memoria a cordial homenagem d'uma saudade.

Tendo sido dos que publicamente disse em tempo toda a enternecida sympathia da minha alma, toda a sentida admiração da minha intelligencia pela luminosa obra artistica que elle nos legou; devendo-lhe, como amador e como portuguez, alguns dos mais bellos momentos que a vibração d'um formoso

espirito em nós póde acordar, mal me ficaria se não tivesse ao menos meia duzia de palavras para numa derradeira vez saudar quem, como o glorioso auctor da *D. Branca*, mais fez pelo nome e pela perpetuação da nossa terra, sendo estrangeiro pelo sangue, do que fizeram e teem feito tantissimos que aqui nasceram e se crearam.

Contraste singular, até, o d'este fino e riquissimo temperamento de artista, que parecia sentir e comprehender como raros a personalidade portugueza, traduzindo-a nas suas paixões e nos seus costumes, precisamente talvez por uma faculdade de desdobramento e por um dom de exotismo que os de casa nem sempre conseguem attingir.

Dir-se-hia tornar-se preciso ser, em parte, um estranho, para melhor se vir a entender um nacional.

Elle, que não o fôra de raiz, cá as deitou depois e tão fundas e tão vivazes, que para todo o sempre palpará comnosco a irradiação bemdita do seu amor por nós.

Dorme em paz, amigo, enquanto no ar perpassam as notas dolentes ou alacres da tua musica sonhadora e vaga, ou dos longes de algumas télas, que tambem fixaste, pedaços risonhos da nossa paisagem se evolvam, envoltos em nimbo roseos e vincam no nosso coração o recanto sagrado onde irão viver a doce vida interminavel das coisas ternamente recordadas, e intensamente queridas...

Fica ainda sem solução o problema que com tão generoso esforço e tão altiva confiança a ti mesmo havias posto para a tempo o resolveres: — o da criação d'uma opera portugueza com musica que egualmente o fosse; mas, quem sabe? é possivel que das particulas divinas do teu ser alguma vá germinar frondente no cerebro d'aquelles que agora affloram, e embalados com esta allician-te esperança, cá iremos, boa amiga, vendo decorrer os dias, ora borrascosos e desabridos como esses que não ha muito nos perseguiram, ora tepidos e claros como aquelle em que lhe escrevo.

Sómente, porque o não direi! mudou a atmospheria e clareou o horizonte, mas dentro de mim a melancholia persiste e é ainda o perfil d'um morto que ella me recorda nido.

Penso n'aquelle que em vida se chamou José Vicente Barbosa du Bocage, sabio authenticico, dos raros que trouxeram á sciencia contemporanea a contribuição valiosa de algumas novas noções e a observação de alguns novos factos, e que, cego já dos olhos do corpo, proseguia trabalhando com os olhos da alma, e n'um edificante e consolador exemplo de symbiose scientifica e de communhão affectiva encontrou, na veneranda compa-

nheira da sua existencia tão cheia, o natural complemento das suas vigílias e dos seus trabalhos.

Ah! querida amiga, se cada um de nós, que para ahí doidamente barafusta e ingloriamente se inutilisa, puzesse na prosecução do seu respectivo ideal a mesma somma de paciente estudo, de ininterrupto ardor que o dr. Bocage poz no especial ramo a que se consagrou, quero crer que outros seriam a esta hora os destinos de Portugal e não nos encontraríamos, como desventuradamente nos encontramos, n'uma especie de becco sem saída, apostrophando-nos uns aos outros, esgrimindo no vacuo, detrahindo-nos e empobrecendo-nos reciprocamente, emquanto, quasi a cada canto, a riqueza dorme, a alegria canta, e a redempção espreita, á espera que saibamos e queiramos...

Por desgraça, para saber, rarissimos são Bocages, para cantar, bem poucos são Keils, e para nos redirmos nem todos são... quem? — escreva V. Ex.^a algum nome que a mim, com franqueza, não me occorre nenhum...

O que de tudo isto conluo é que antes de mais nada temos de educar-nos educando, e de combater a preguiça mental, a peor de todas as preguiças, e simultaneamente convertermo-nos em apóstolos e em soldados d'uma cruzada augusta, a unica que logrará salvar-nos, a cruzada do estudo perseverante da nossa terra e do nosso ser, desbravando uma pela sciencia, vencendo o outro pelo amor.

Agora, que vejo ganhar outra vez notoriedade a fortificante theoria das idéas-forças, ahí estava uma idéa-força que a todos deveria levar nos e sobretudo unir-nos...

Não lhe parece que, conseguido isto, de novo voltariamos a ser alguém?

AFFONSO VARGAS.



Foi coroada do melhor exito a festa musical organizada no Porto pelo illustre pianista Luiz Costa, e a que já nos referimos no numero anterior.

Não resistimos ao prazer de promenorisar o programma, a cuja confecção presidiu o melhor gosto e eclectismo e que se compunha das seguintes obras, todas a cargo do esperançoso concertista:

BEETHOVEN: *Sonata (op. 110)*, pela primeira vez ouvida no Porto; LISZT: *Après une lecture du Dante*, fantasia quasi sonata; LUIZ

COSTA: *Capricho, Ao pé da azenha, Canção do berço, Fiandeira, Conto de fadas*; CHOPIN: *Scherzo (op. 39) e Ballada (op. 52)*; LISZT: *14.^a Rapsodia hungara*.

Luiz Costa produziu-se por tanto como tocador e como compositor e, na opinião unanime dos periodicos locais que temos á vista, confirmou brilhantemente as altissimas qualidades artisticas que já de ha muito o consagraram na capital do norte. D'aqui o felicitamos pelo que essa apresentação teve de significativo para o talentoso moço, fazendo votos para que o possamos em breve applaudir em Lisboa.

Já de ha muito que, por motivos sobejamente conhecidos de todos, nos abstivemos de quaesquer considerações criticas a proposito dos concertos da *Sociedade de Musica de Camara*.

Por esse motivo e pela grande escassez d'espaco e de tempo com que luctamos no momento presente, poucas palavras diremos da audição com que a referida sociedade abriu este anno a sua setima serie.

As tres artistas francezas, Dehélly, Laval e Clément, vieram confirmar-nos mais uma vez a honestidade artistica com que se trabalha no Conservatorio de Paris e a abstenção absoluta, que ali se observa, de toda e qualquer craveira pedagogica que afogue a personalidade de cada um dos educandos. Por acaso singular, as tres concertistas que nos foi dado ouvir, notabilissimas todas ellas, possuem temperamento tão fundamentalmente differente que chega a ser inconcebivel que possam entender-se em musica de conjuncto!

A pianista, um feixe de nervos a vibrarem descompassadamente, fazendo cousas adoraveis nos passos de delicadeza e cabriolas inconcebiveis nos de bravura — a violinista, servida por qualidades extraordinarias de tocadora, ainda que não de todo feita, dispondo d'um elegantissimo braço direito, sentindo uma a uma todas as emoções que na arte se podem sentir, mas sabendo-as *maitriser* dentro dos limites da musicalidade a mais perfeita — a violoncellista, finalmente, calma por indole e por systema, evitando cuidadosamente todos os arrebatamentos para se occupar em exclusivo da seriedade do seu jogo e luctando, minuto a minuto, com uma sonoridade magra e descorada.

Eis o que nos pareceram as tres concertistas, n'esta unica audição em que as pudemos apreciar. E se com qualidades tão dissemelhantes nos não podiam dar, nos deliciosos trios de Schumann e Brahms, a impressão de unidade que é licito exigir na musica de

camara, é innegavel que nos não regatearam, tanto n'essas obras como nas peças a solo, momentos de altissimo prazer espirital, que não olvidaremos facilmente.

O *Preludio* de Bach, sobretudo, foi uma lição d'arte, que de per si só bastaria para tornar memoravel este concerto.

Fóra do programma, as sympathicas parisienses tocaram ainda *Chant polonais* de Chopin-Liszt (piano), *Zigeunerweisen* de Sarasate (violino) e *Etude* de Pierre Duport (1) (violoncello).



PORTUGAL

Em 31 do mez passado effectuou-se no salão Lambertini a apresentação de um novel cantôr, o sr. Joaquim Ramos, que mostra innegavel aptidão para a arte e dispõe de recursos vocaes muito recommendaveis.

Sem nos querermos pronunciar por agora sobre a qualidade da voz, que tanto póde vir a ser de barytono como de baixo cantante conforme os registros que mais forem trabalhados, é certo que a emissão é muito mais facil e o timbre muito mais agradável nos registros medio e grave, do que no registro agudo que carece, a nosso vêr, de longo preparo para ser melhorado.

E' em todo o caso um joven artista, que de todo o ponto merece ser animado e auxiliado.

*

Em 28 do corrente realisa um concerto no salão do Conservatorio o talentoso pianista Aroldo Silva, que fará ouvir, segundo nos consta, a *Sonata em lá menor* de Mozart, um *Estudo e Rondó op. 16* de Chopin, *Andante spianato e rondó giocoso* de Reinecke, *Minuete* de Dreyschock e *Les Vagues*, estudo de Moszkowski.

Concorrem na festa do esperançoso moço sua illustre irmã, D. Africa Calimerio, a gentil violoncellista Beatriz Silva e os conhecidos artistas Luiz Barbosa e Manuel Silva.

Deve ser uma interessante audição, que confirmará brilhantemente o talento real que distingue o joven Aroldo, a quem já aqui

tivemos varias occasiões de fazer elogiosas e merecidas referencias.

*

A serie annual das audições do *Orpheon Portuense* inaugurou se hontem, com a apresentação das distinctas concertistas francezas Dehelly, Laval e Clément, as mesmas que ha poucos dias tivemos a fortuna de ouvir no concerto, tambem inaugural, da *Sociedade de Musica de Camara*, de Lisboa.

As sympathicas astistas despedem-se amanhã do publico portuense.

*

Teem continuado seguidamente os ensaios para o concerto da *Grande Orchestra Portuense* e tudo faz prevêr que essa festa de tão elevado alcance artistico será coroada d'um completo triumpho.

A audaciosa iniciativa, para cujo bom exito tem concorrido o esforço de todos e de cada um dos participantes, deve em grande parte a sua realisação ás amaveis facilidades dos emprezarios e directores musicas dos theatros de Lisboa, que promptamente e com sacrificio não pequeno cederam os seus artistas para que a festa dos musicos portuguezes tivesse todo o brilho requerido.

Muito se deve tambem ao sr. Visconde de S. Luiz de Braga, que bizarramente prestou todo o appoio aos organisadores do grande concerto, de modo a que este pudesse realizar se no seu elegante theatro na noite de 25 d'este mez.

Toca-nos esta iniciativa demasiado perto, para que não aproveitemos a occasião para agradecer de todo o coração aos nossos bons collegas da imprensa diaria o quanto se tem interessado por este momentoso assumpto.

*

A apreciação critica dos espectaculos lyricos será redigida na nossa revista, como de costume, pelo eminente critico d'arte, sr. dr. Esteves Lisboa, que mais uma vez se prestou gentilmente a conceder-nos a sua preciosa collaboração.

*

De volta do Brazil regressaram á nossa capital o illustre professor José Esteves Serra e sua filha, a gentil *chanteuse* Etelvina Serra.

Ambos tiveram occasião de produzir-se em concertos por fórma notabilissima, sendo alvo das maiores manifestações d'apreço por parte do publico fluminense.

(1) Seculo XVIII.

José Esteves Serra, além de ser um dos nossos mais distinctos concertistas, na *trompette* e no cornetim, dispõe de uma optima voz de tenor, que fez o encanto de quantos o ouviram no Rio. De Etelvina Serra basta que digamos que viu premiado o seu brilhante trabalho artistico com o mesmo entusiasmo que aqui costuma acolher as manifestações do seu superior talento.

*

Antonietta Rudge Milier é o nome d'uma notavel pianista brasileira, que veiu á Europa realisar varios concertos, tendo tocado com exito em Francfort e Londres. De passagem em Leixões a bordo do *Danube* foi esperada e cumprimentada pelo nosso illustre compatriota Raymundo de Macedo o qual lhe offereceu na esplendida vivenda de seu sogro sr. Napoleão da Matta um almoço intimo.

Madame Rudge-Miller partiu no mesmo dia para S. Paulo com seu marido o sr. Charles W. Miller.



Mais um dos da velha guarda, que cae para não mais se erguer — Rio de Carvalho.

O fallecimento do apreciado maestro produziu sincera magua em todos os que o conheciam ou com elle lidavam de perto. Rio de Carvalho era uma figura que rapidamente se popularisou no nosso meio musical, mais por mercê das suas raras qualidades de *maestrino*, que propriamente pelo seu talento de violinista, que foi de resto notavel no seu tempo.

Nasceu João Pedro Augusto Rio de Carvalho em Lisboa, a 20 de setembro de 1838. Foi discipulo do Conservatorio, onde teve por mestres Francisco Gazul (pae), os Mazonis (pae e filho), Seixas, Lauretti, Antonio Porto e Xavier Migoni. Aos 14 annos já fazia parte da orchestra de S. Carlos, como violinista, chegando a ser concertino n'essa importante orchestra e até director da mesma, em substituição dos primeiros directores e por impossibilidade repentina d'estes.

Orientou depois a sua vida n'um outro sentido — escrever e dirigir operetas e revistas.

N'este campo de acção, que se lhe affigou mais productivo ou que melhor se coadunava com o seu feitio artistico, mostrou se

de uma actividade extraordinaria e de uma fecundidade deveras notavel. Na sua bagagem de compositor figuram um sem numero de obras ligeiras, entre as quaes se encontra não raro a vivacidade e o espirito requeridos n'este genero de composições populares.

Dar uma lista completa d'essas obras seria empreza difficil, por nos escasseiarem os elementos biographicos do artista fallecido; contentemo-nos em citar as que nos lembram.

MAGICAS: *A filha da noite, Amores do diabo, Sombra do Rei, Pomba dos ovos de ouro, Diamante vermelho, Pera de Satanaç, Varinha de condão, Espelho da verdade, Anel prodigioso, El-rei Maringombé, Diabo negro, Espirros do diabo, etc.*



Rio de Carvalho

REVISTAS: *Juízo do anno, Etcætera e tal, Antonio Maria, Abre bem os teus olhos, Microbio, Pontos nos ii, O rei Kalacana, O anno das pontas, Fim de seculo, etc.*

OPÉRAS COMICAS: *Flôr de lorangeira, O botão, Mascotte numero 2, Calixto e Mascato, Lesto a virar, Lazarillo (em italiano), El nuevo D. Quijote (em hespanhol), As tres saias*

da menina, A maçan, Toutinegra, Estrella do Norte, Os dois Cadis, etc.

OPÉRETAS: *Nitouche, Sem fato e sem noiva, As claras e ás escuras, Os dois sargentos, Medico d'aldeia, Atchim-Fá XVIII, Circassianas, Dama d'espadas, etc.*

BAILADOS: *Il sogno di vivere*, executado em S. Carlos, e outros.

MUSICA SACRA: Missas, ladainhas, matinas, novenas, uma oratoria, *Santa Isabel*, um *Te-Deum* escripto para o baptisado do principe da Beira e que foi executado por occasião da aclamação d'el-rei D. Carlos.

BANDA MILITAR: *Batalha de 12 d'agosto*, marcha executada nos concertos da Exposição industrial, *Marcha franco-lusa*, dedicada ao presidente Loubet, e muitas outras.

E além de tudo isso, uma infinidade de trechos de musica para dramas, para sexteto, etc.

Rio de Carvalho era director da *Orchestra da Real Camara*, e condecorado com o habito de San Thiago e com uma medalha italiana.

A data do seu fallecimento é 2 de novembro.



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo—Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334, RUE ST. HONORE.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja dificuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afniação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

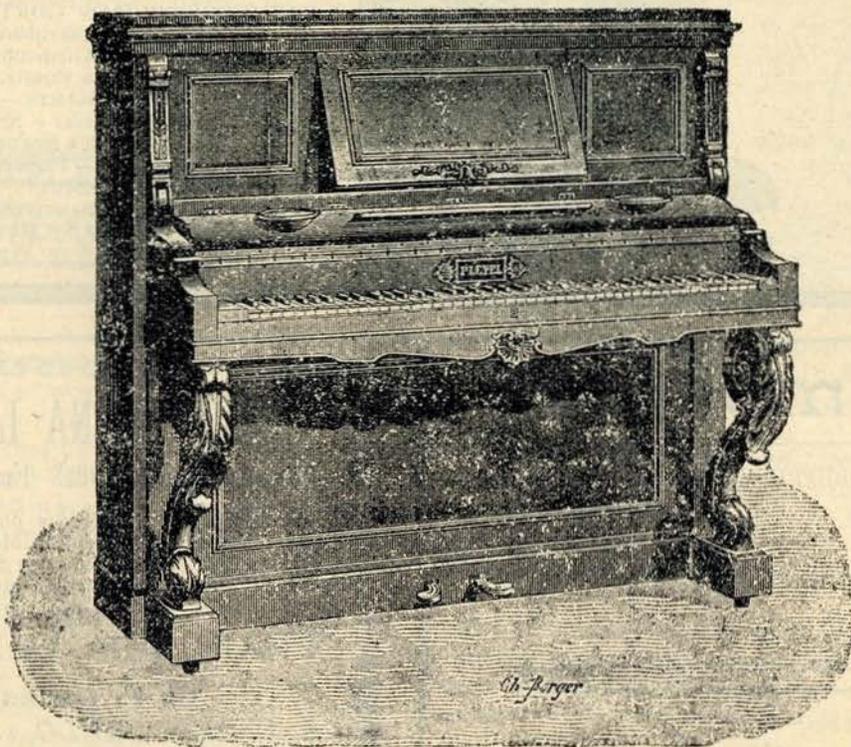
A ARTE MUSICAL

Publicação quinzenal de musica e theatros

LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900

GRANDE ESTABELECIMENTO MUSICAL LAMBERTINI

FORNECEDOR DA CASA REAL

Enorme sortimento de musicas

PARA TODOS OS INSTRUMENTOS

Musica para canto — Musica de camara e de orchestra

REPRESENTANTE DOS EDITORES FRANCEZES

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Steingraber, etc.

PARTITURAS DE OPERAS

ANTIGAS E MODERNAS

Para piano e para canto.

HARMONIUNS AMERICANOS ❀ ❀ ❀ ❀

❀ VIOLINOS ❀ FLAUTAS ❀ BANDOLINS

GUITARRAS ❀ OCARINAS ❀ ❀ ❀ ❀

❀ VIOLAS FRANCEZAS E HESPANHOLAS

METHODOS E MUSICAS

Para todos os instrumentos

Accessorios Alamirés Metronomos

Leitura musical por assignatura

500 RÉIS MENSAES

Peçam catalogos

Papel de musica francez

• DE •

SUPERIOR QUALIDADE

ESPECIALIDADE EM CORDAS ITALIANAS ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

❀ ❀ ❀ ❀ ❀ para violino, violoncello, rabeção, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

PROFESSORES DE MUSICA

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua do Jardim á Estrella, 12.*
- Alberto Sarti**, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Candida Cilia**, professora de musica, piano e harmonium, *L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *R. da Penha de França, 23, 4.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, A.*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.*
- Irene Zuzarte**, professora de piano, *Rua José Estevam, 17 r/c.*
- Joaquim A. Martins Junior**, professor de cornetim, *R. das Salgadeiras, 48, 1.º*
- Joaquim F. Ferreira da Silva**, prof. de violino, *Rua José Estevão, 50, 3.º, E.*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, professora de canto, *R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *T. do Salitre, 19, 1.º*
- M.ª Sanguinetti**, professora de canto, *Largo do Conde Barão, 91, 4.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA